

08

O FENÔMENO DO VAMPIRISMO: GIOSEPPE DAVANZATI E A INTRODUÇÃO DO VAMPIRO NA EUROPA OCIDENTAL (1739–1774)

Gabriel Elysio Maia Braga (UFPR)

Recebido em 15 mar 2019.

Aprovado em 08 mai 2019.

Gabriel Elysio Maia Braga é Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente é aluno no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR e bolsista CAPES. Realiza pesquisas acerca do sobrenatural na História, em especial mortos-vivos, vampiros e possessões demoníacas. Atualmente realiza pesquisa sobre possessões e rituais de exorcismo na França do século XVII. Tem interesse nas áreas de História do Medo e História Cultural da Ciência. É apaixonado por filmes de horror e literatura de ficção-científica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6536733437871944>. E-mail: gab.braga94@gmail.com.

Resumo: Os relatos sobre ataques de mortos-vivos nos Bálcãs popularizaram-se em finais do século XVII. A primeira explicação dada em um periódico relacionava os mortos mastigadores – não ainda chamados de vampiros – ao demoníaco. Alguns pensadores, porém, se propuseram a investigar o assunto a partir da Natureza. Entre eles, havia Gioseppe Davanzati, padre italiano de formação jesuíta autor da *Dissertazione Sopra i Vampiri*, redigida em 1739, porém publicada apenas em 1774. Entre estas datas, a obra circulou em forma manuscrita. Apesar de sua interessante teoria

sobre a imaginação, o principal feito de Davanzati, mesmo que essa não fosse sua intenção, foi o de disseminar o termo *vampiro* pela Europa.

Palavras-chave: Vampiros; Giuseppe Davanzati; Imaginação.

Riassunto: I relati d'attacchi di morti-vivendi nei Balcani, furono divulgati nei fini dei XVII secolo. La prima spiegazione data in periodico relazionava i morti masticatori – non ancora chiamati vampiri – al demoniaco. Alcuni pensatori, tuttavia, decisero investigare l'assunto a partire della Natura. Tra loro, c'era Giuseppe Davanzati, prete italiano di formazione gesuitica autore della *Dissertazione Sopra i Vampiri*, scritta nel 1739, però pubblicata solo nel 1774. Nel frattempo, l'opera si diffuse nella sua forma manoscritta. Nonostante la sua interessante teoria sull'immaginazione, la principale azione di Davanzati, tuttavia non fosse la sua intenzione, fu la diffusione del termino *vampiro* nell'Europa.

Parole chiave: Vampiri; Giuseppe Davanzati; Immaginazione.

A imagem do vampiro recebeu uma caracterização definitiva em *Drácula* (1897) do escritor irlandês Bram Stoker. Sua pesquisa para o desenvolvimento da história e do personagem principal durou sete anos (ARGEL; MOURA NETO, 2008, p.34). O conde vampiro é um verdadeiro aglomerado de lendas euro-orientais sobre mortos-vivos e aparições de mortos. A característica mais assustadora da lenda, o sugar do sangue alheio, ganhou notoriedade nos relatos oficiais de mortos-vivos apenas na última década do século XVII, através de periódicos euro-ocidentais que relatavam estes ataques ocorridos nos Bálcãs.

Em 1693, o periódico francês *Le Mercure Galant* falou sobre cadáveres possuídos por demônios. Estes últimos deixariam

as tumbas na forma espiritual e retirariam sangue de vítimas, geralmente parentes próximos. O sangue ficaria todo armazenado no corpo dentro do caixão. Dessa forma, estaria explicada a grande quantidade de sangue encontrada saindo dos orifícios do cadáver (BRAGA, 2018, p.122). A única forma de impedir as mortes dos parentes do falecido era a destruição do corpo, que seguia um ritual bastante particular. Primeiro, uma estaca era atravessada no peito no cadáver. Seguiam-se então a decapitação e a incineração do corpo. Algumas variações incluíam também a retirada o coração e/ou o ato de jogar as cinzas em um rio.

A opinião majoritária da República das Letras durante a modernidade era a de que todos os relatos seriam falsos, produtos de superstições e crendices. Alguns autores modernos, contudo, não satisfeitos com a resposta rápida e simples, ficaram intrigados com o tema e resolveram investiga-lo mais a fundo. Destaco três principais, o filósofo alemão Michaël Ranft (1700-1774), autor de *De Masticatione Mortuorum in Tumulis* (1728)¹; o padre italiano Gioseppe Davanzati (1665-1755), autor da *Dissertazione Sopra i Vampiri* (1774); e o monge beneditino francês, dom Augustin Calmet (1672-1757), autor do *Traité sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenans de Hongrie, Moravie, etc.* (1751).²

Tanto a dissertação de Ranft quanto o tratado de Calmet foram explorados em minha dissertação de mestrado, *O Natural e o Sobrenatural na Modernidade: a polêmica erudita sobre os mortos-vivos (1659-1751)* (2018). Em relação a Davanzati, contudo, havia apenas conseguido acesso indireto à sua dissertação. Uma

1 Versão ampliada de sua dissertação, *Dissertatio historico-critica de masticatione mortuorum in tumulis*, defendida em 1725.

2 Terceira edição, revisada e ampliada, de sua dissertação, publicada em 1746.

vez podendo analisá-la, decidi redigir esse artigo para apresentar a obra que popularizou o termo *vampiro* na Europa ocidental.

Ranft foi o primeiro a publicar uma obra de peso sobre o tema e em momento algum utiliza a célebre nomenclatura. O filósofo alemão chama tais criaturas de *mortos mastigadores*, devido ao relatado hábito de mastigar as próprias vestes e até mesmo partes de seus corpos. Não há referência, em sua dissertação, à ação de sugar sangue. Sua obra é muito importante na história das investigações sobre mortos-vivos, pois nela buscou encontrar uma resposta que não considerasse nem a ação divina, nem a demoníaca. Ranft defendeu que “todos os fenômenos poderiam ser explicados a partir das potencialidades da Natureza” (BRAGA, 2018, p.141).

Calmet dedicou uma obra de quase mil páginas ao assunto. Seu objetivo principal foi o de “desenganar o mundo da opinião que há sobre as Aparições [détromper le monde de l’opinion qu’il a sur les Apparitions]” (CALMET, 1751a, p.IV). O monge considerava que as análises feitas em periódicos haviam pecado por falta de método. Grande admirador de Descartes e Newton, Calmet defendia que os relatos de vampiros não deveriam ser desconsiderados, mas sim postos à prova. Sua metodologia foi a de considerar todos os relatos como reais de forma literal. Assim, pode construir uma argumentação para rebater as narrativas em seus mais particulares detalhes.

A obra de Davanzati foi redigida entre as de Ranft e Calmet. Sua publicação, contudo, deu-se apenas após a morte do autor. De acordo com as informações que aparecem na introdução anônima, a obra já estaria pronta em 1739, tendo sido lida e aprovada pelo papa Bento XIV em 12 de janeiro de 1743. Alguns autores afirmam que há uma versão da dissertação publicada em 1744, porém não

há nenhum indício de tal impressão. Sabe-se, contudo, pela pesquisa de Francesco Ceglia (2011), que o acadêmico alemão Pieter Burman (1668-1741) teceu, através de uma carta, elogios à obra de Davanzati, o que comprova que a *Dissertazione* circulou em forma manuscrita, antes mesmo da aprovação papal. (CEGLIA, 2011, p.488).

Quando se faz uma pesquisa sobre as origens da lenda dos vampiros na *internet* é comum encontrar informações que a relacionem com os enterros prematuros, ou seja, pessoas que por algum motivo, catalepsia, por exemplo, haviam sido sepultadas por engano, gerando um grande susto nos demais quando se mostravam vivas, ou então causando espanto quando o caixão era aberto e sua tampa estava arranhada na parte interna.

Tal explicação, entretanto, é insuficiente e desconsidera o contexto de finais do século XVII até meados do século XVIII, quando a lenda do vampiro se espalhou pela Europa. Os enterros prematuros eram largamente conhecidos. Jean Delumeau (2009) destacou que desde o século XVI é possível encontrar nos testamentos a exigência de um período – algumas vezes longo – de velório. O que indicaria o medo de um eventual enterro prematuro (DELUMEAU, 2009, p.134). Nesse mesmo período os médicos já se preocupavam com métodos para detectar a *morte aparente* (ARIÈS, 2014, p.527). O próprio Calmet cita em seu trabalho a catalepsia como uma das muitas possíveis explicações para o fenômeno, porém não a considera a mais próxima da verdade.

Foi a partir dos relatos publicados na Europa ocidental desde finais do seiscentos que foi criada a imagem do vampiro literário. A preferência pelo período noturno, a estaca e o sugar do sangue são

elementos característicos. A aversão a símbolos católicos parece ser da criatividade de Stoker, pois não há menção alguma à utilização de água benta ou alho³ para impedir os ataques de vampiros. A profilaxia recomendada envolvia se ungir no sangue do vampiro, ou então comer um pão “com o sangue que se recolhe desses tipos de Cadáveres [avec le sang qu’on recueille de ces sortes de Cadavres]” (ARTICLE, 1693, p.66).

OS RELATOS DE ATAQUES DE VAMPIROS

O primeiro capítulo da dissertação, intitulado *Storia de’ Vampiri, e suoi effetti* [História dos Vampiros e seus efeitos], concede um panorama geral do tenebroso fenômeno. O padre reportou que soube dos relatos através do cardeal Schrattembac, arcebispado de Olmütz:⁴

A doença ou a chacina dos Vampiros era muito frequente na Província da Morávia, sua Diocese; e que embora tivessem adotado os truques habituais para frear o mal; todavia com muito descontentamento cada vez mais se expandia com morte e extermínio daquela pobre gente. [il morbo o la strage de’ Vampiri era molto dilatata nella Provincia della Moravia sua Diocesi; e che quantunque avessero adoperato i soliti espedienti per frenare il malore; tuttavia con molto loro dispiacimento vieppiù si dilatava con morte ed estermínio di quella povera gente]. (DAVANZATI, 1774, p.1)⁵

Além das mortes, havia o pânico gerado nas vilas atingidas por tal mal, o que ocasionava no êxodo da população. Essa constatação

3 O alho era comumente utilizado como repelente de maus espíritos, não necessariamente os vampiros.

4 Uma corruptela de Olmütz, atual cidade de Olomouc, na República Tcheca.

5 Todas as traduções feitas nesse artigo são de minha autoria.

aparece até mesmo nos relatos oficiais, como por exemplo, o caso do suposto vampiro Peter Plogojowitz, na vila de Kisilova, na atual Sérvia. O relator imperial declarou que caso não fosse atendido o pedido de exumação do cadáver de Plogojowitz, os camponeses abandonariam a vila, e assim o tinham ameaçado (BRAGA, 2015, p.48).

Davanzati, ainda no primeiro capítulo, buscou definir o que seriam as tais criaturas que atormentavam os Bálcãs:

os referidos Vampiros outro não eram, que alguns homens mortos há alguns dias, os quais já sepultos e enterrados apareciam de novo na mesma forma, e nas mesmas vestes e aparências de quando eram vivos, e se faziam ver a seus parentes, e amigos de dia, e de noite, verdadeiramente passando nas suas casas, conversando, falando, e comendo com eles: e às vezes colocando-se à cama. Convidavam aqueles a repousar igualmente com eles.

[i suddetti Vampiri altro non erano, che alcuni uomini morti da alcuni giorni prima, i quali già sepolti e sotterrati comparivano di nuovo nella stessa forma, e negli stessi abiti, e portamenti di quando erano vivi, e si facevano vedere da' loro parenti, ed amici di giorno, e di notte, portandosi francamente nelle lor case, conversando, parlando, e mangiando con esso loro: e talvolta mettendosi a letto. Invitavano quelli a riposarsi parimente con esso loro]. (1774, p.2)

Neste trecho há um ponto que distancia o vampiro folclórico do vampiro literário, o horário de sua aparição. Davanzati destacou que os mortos-vivos poderiam aparecer inclusive de dia. O fenômeno também se destacava pela frequência das aparições. Elas ocorriam de tal forma que havia um crescente na interação do vampiro com a pessoa visitada, “até o ponto em que os referidos vampiros

lhes sugando todo o sangue [fino a tanto che i suddetti Vampiri succhiandosi tutto il sangue]” (DAVANZATI, 1774, p.2), engordavam até que estivessem satisfeitos.

Suas vítimas pereciam em poucos dias, tamanha era a avidez dos vampiros por sangue humano. Além disso, os que faleciam em decorrência dos ataques transformavam-se em vampiros, elevando o problema a proporções epidêmicas. A solução apresentada pelo cardeal a Davanzati era a de procurar o tribunal secular e apresentar o nome do suposto vampiro. A partir das informações colhidas pelos agentes da lei era possível que o tribunal autorizasse a população a seguir os seguintes passos:

que (...) abra o sepulcro, e com um sabre ou larga espada a vista de todos os espectadores corte a cabeça do Vampiro, e depois com uma lança lhe abra o peito, e transpasse com ferro de um lado ao outro o coração do Vampiro arrancando-lhe do seio, e então volte a fechar a tumba.

[che (...) apra il sepolcro, e con una sciabla o larga spada a vista di tutto il popolo spettatore recida al Vampiro il capo, e dopo con una lancia gli apra il petto, e trapassi col ferro da parte a parte il cuore del Vampiro strappandoglielo dal seno, e poi ritorni di nuovo a chiudere l'avello]. (DAVANZATI, 1774, p.3)

Não se deve pensar que tal processo judicial era desprovido de formalidades. A investigação se baseava em alguns critérios. Mesmo com a autorização para a exumação não eram garantidos os outros passos. Para que o ato de extermínio do vampiro prosseguisse era necessário constatar se o exumado era realmente um morto-vivo. O que Davanzati relatou é também encontrado em relatos oficiais e outras obras sobre os vampiros dos Bálcãs. Para ser considerado

um sugador de sangue, o cadáver deveria apresentar alguns sinais, “como o sangue ao redor da boca, dos olhos, das narinas e dos ouvidos; o bom estado de conservação; a aparência avermelhada das bochechas; e, por vezes, os olhos abertos” (BRAGA, 2018, p.27).

Tais relatos, afirmou o autor, o teriam feito gargalhar, caso não tivessem sido apresentados pelo cardeal Schrattembac. Davanzati declarou que apenas deu atenção aos relatos fantásticos devido à credibilidade do narrador. Apesar disso, não havia como considerar os relatos verdadeiros sem antes um exame de circunstâncias e um período de reflexão. O padre desejava agregar à narrativa do cardeal outros relatos sobre aparições de mortos-vivos, porém, ficou algum tempo sem ouvir nada sobre o assunto.

A temática dos vampiros apareceu para Davanzati novamente através de periódicos impressos em Viena, cujos conteúdos haviam sido replicados até serem publicados na Holanda em 1736 (DAVANZATI, 1774, p.7). O relato que o autor reproduziu é de um caso ocorrido em Kisilova, na Sérvia, onde um senhor de 72 anos, três dias após ser enterrado, apareceu na casa de seu filho, pedindo por comida. Após a segunda visita do falecido, o filho foi encontrado morto em sua cama. Nesse mesmo dia, mais cinco ou seis pessoas teriam sido acometidas por um mal súbito e faleceram. (1774, p.8).

Houve uma investigação por parte das autoridades, na qual ocorreu a exumação dos que haviam morrido. Todos foram encontrados, segundo o relato, com os olhos abertos, pele avermelhada e “com uma respiração natural [con una respirazione naturale]” (p.9), sinais que indicavam que o morto seria um vampiro. Foi designado um executor que atravessou uma estaca

no coração de cada cadáver e, em seguida, os incinerou. Destaco a parte final do relato, em que o autor afirma não ser possível “recusar crer verídico um fato juridicamente atestado por pessoas de crédito [ricusare di creder vero un fatto giuridicamente attestato da persone di probità]” (p.9).

É interessante ressaltar que Kisilova foi palco de pelo menos mais um caso em que um morto-vivo foi o protagonista. No ano de 1725, veio à tona o episódio de Peter Plogojowitz. Na época, a região da Sérvia em que Kisilova se encontrava estava sob domínio austríaco. Os tratados de Carlowitz (1699) e de Passarowitz (1718) cedeu à Áustria dos Habsburgos “com o primeiro, da maior parte da Hungria e, com o segundo, do norte da Sérvia, norte da Bósnia e da Valáquia” (BRAGA, 2015, p.10). Foi durante a ocupação militar habsburga que foram produzidos os mais conhecidos relatos de ataques de vampiros na Europa oriental.

O caso de Plogojowitz segue uma estrutura bastante similar àquela do relatado por Davanzati. Após 10 semanas passadas de sua morte, o falecido teria levantado de seu túmulo e interagido com os habitantes da vila. Diversas pessoas relataram que Plogojowitz teria tentado estrangulá-las (BRAGA, 2018, p.107). Os visitados, assim como no outro caso, também sofreram de uma rápida doença e morreram. O relato produzido acerca do processo que se seguiu é bastante interessante. A população recorreu ao provedor imperial, para que este tomasse uma decisão. A sugestão do patriarca – ou do papa local, como é chamado no relato – foi de que se prosseguisse com a exumação e destruição do cadáver.

No relato oficial é possível perceber a cuidadosa escolha de palavras por parte do provedor imperial. A utilização dos adjetivos,

defendo, tinha como objetivo “sustentar o pensamento de que a população local seria exaltada e tomaria decisões precipitadas” (BRAGA, 1028, p.108). O autor do relato ressaltou o desespero e a agressividade da população, que inclusive o teria ameaçado, e parece se desculpar pelo que poderia ser considerado uma barbárie pela administração imperial, ou seja, a decapitação e incineração do cadáver.

A reação de Davanzati ao relato foi resumida em uma frase: “Graças ao Céu não somos tão crédulos [Grazie al Cielo non siamo sì creduli]” (DAVANZATI, 1774, p.9). Entretanto, o relato não poderia ser imediatamente recusado devido à sua proveniência. Apesar de considerá-lo credence, o padre italiano pensava ser necessária uma maior atenção para as possíveis explicações do fenômeno.

Um outro caso citado ocorreu em uma região da Hungria chamada de Oppidum Heidonum, que ficava além do rio Tisza – um afluente do Danúbio – que atravessa terras da Transilvânia, localidade que no século XIX ganharia a fama de ser a “terra dos vampiros”. De acordo com Davanzati, essa região acredita na existência de criaturas chamadas de vampiros, que seriam mortos-vivos que sugavam o sangue de pessoas vivas, levando-as à morte (DAVANZATI, 1774, p.9). O relato utilizado como exemplo da crença é o de Arnod Paole, que se tornou célebre na Europa ocidental graças ao relato *Visum et Repertum*, produzido em 1732 por uma comissão de médicos e militares enviada à região pelo império Habsburgo.

Paole havia morrido de uma queda de sua carroça. Contudo, 30 dias após a sua morte, quatro habitantes de sua vila, Medvegia,⁶ relataram aparições do falecido. Estas, somadas ao que Paole

6 Também escrita como Medreïga e Medraiga.

contava em vida – que havia sido perseguido por um vampiro turco quando viajou para a Sérvia turca (BRAGA, 2018, p.109) – apontavam para o vampirismo. Prosseguiu-se com a exumação do corpo do suposto vampiro. Dentro do caixão, foi encontrado “um cadáver praticamente intacto do qual brotava sangue a partir dos olhos, boca, nariz e orelhas” (BRAGA, 2018, p.109).

As medidas tomadas quando da constatação da situação do corpo foram as que se tornaram clássicas na literatura de horror: uma estaca atravessou o coração do cadáver, após isso ele foi decapitado e, por último, incinerado. Importante ressaltar que, de acordo com o relato, ao penetrar a estaca “Paole teria emitido um grito audível e sangrado copiosamente” (BRAGA, 2018, p.109-110), informação que apenas reforçou a narrativa de que o morto era um sugador de sangue. Somado a isso, foi constatado que o cadáver apresentava aparência saudável, com barba e cabelos crescidos, e coloração vermelha, sinais que indicariam vampirismo.

As medidas tomadas contra o cadáver de Paole, entretanto, “foram inúteis [sono state inutili]” (DAVANZATI, 1774, p.11), pois os habitantes continuaram relatando ataques noturnos. Tendo em consideração os ataques anteriores, “concluiu-se, portanto, que as quatro pessoas que haviam morrido após relatar a visita do morto-vivo, deveriam ter, por sua vez, se tornado vampiros também” (BRAGA, 2018, p.110). Providenciou-se o extermínio de mais quatro vampiros, cumprindo com os passos da exumação, da estaca, da decapitação e da incineração do cadáver.

Ainda assim, os ataques não cessaram. Descobriu-se que Paole havia sugado sangue de um gado, cuja carne fora consumida por

17 pessoas. Seguiu-se, então, uma série de exumações que foram relatadas pelos oficiais austríacos. *Visum et Repertum* teve uma grande parcela de responsabilidade na disseminação da lenda do vampiro na Europa ocidental e consiste no maior caso de vampirismo relatado.

Davanzati, ao se referir ao vampiro Arnod Paole, utilizou o termo Arquivampiro [*Arcivampiro*], sem, contudo, defini-lo. Devido aos acontecimentos do caso, posso sugerir que tal termo denominaria o vampiro principal, ou seja, aquele que iniciou a cadeia de contaminação, de propagação do mal. Fora Paole o responsável direto pelos outros 4 vampiros cujos corpos foram exumados em seguida; e o responsável indireto por outros 17 mortos suspeitos de terem se transformado em criaturas sugadoras de sangue.

Após apresentar, no primeiro capítulo, as principais características da lenda do vampiro, Davanzati buscou uma explicação para o fenômeno. A primeira procura foi de caráter histórico. Para o autor, dado que as leis naturais seriam invariáveis, os vampiros deveriam existir em tempos passados. Assim sendo, deveria haver relatos mais antigos de sua existência (DAVANZATI, 1774, p.14). Para a surpresa do padre, ele encontrou relatos de mortos-vivos até mesmo em sua biblioteca pessoal. Heródoto, Tito Lívio, Plutarco e Valério Máximo foram citados entre os autores que haviam relatado aparições de mortos (1774, p.15).

Os vampiros, segundo as pesquisas de Davanzati, possuiriam particularidades geográficas. Suas aparições se davam em locais distintos e remotos em termos de clima, religião e costumes (p. p.14), sem especificar o que significariam tais adjetivos. O autor

ressaltou, contudo, que o termo vampiro era restrito à Alemanha e à Hungria. Conclusão que negligenciou o ineditismo do termo e mesmo a novidade que os relatos apresentavam: o ato de sugar sangue. Dom Augustin Calmet, diferente do padre italiano, ressaltou o caráter de novidade das aparições de vampiros (BRAGA, 2018, p.204). Em sua opinião, o ato de sugar sangue – que caracteriza os vampiros até hoje na ficção – era algo inédito no que dizia respeito a aparições de mortos.

A diferença entre os dois religiosos que escreveram sobre os vampiros consiste, justamente, no que consideram um vampiro. Calmet, em seu tratado, classificou os vampiros como uma espécie de *Revenans*,⁷ que possuía uma particularidade característica: a ação de sugar sangue. Já Davanzati, parece não dar grande importância ao sugar do sangue, mas sim ao fato de os vampiros serem definidos como mortos-vivos. Assim, sua busca, apesar de citar diversos termos que denominam diferentes criaturas, não se preocupou em defini-las, nem em diferenciá-las.

Davanzati aglutinou no mesmo grupo espectros, fantasmas, larvas, lêmures, dentre outras criaturas. Espectros e fantasmas referem-se a aparições de mortos, que podem tanto ser assombrações quanto portadores de notícias. Larvas e lêmures são entidades da Roma antiga, os primeiros eram os que causavam malefícios, os segundos eram os mortos prematuros. Estas duas criaturas andavam entre os vivos, os atormentando, podendo ser apaziguadas através de rituais (BUSTAMANTE, 2011, p.4-5).

De modo geral, as aparições que o padre italiano utiliza para justificar a historicidade dos vampiros, foram consideradas por

7 Grafado dessa forma, sem a letra “t”.

Calmet (1751) como aparições de fantasmas. Enquanto este buscou dar mais ênfase na novidade da criatura presente em relatos como o *Visum et Repertum* (1732), Davanzati buscou a permanência dos relatos das aparições de mortos ao longo dos séculos. Para o monge francês, a lenda do vampiro, apesar de ser incluída no campo maior das aparições de mortos, possui um elemento de ruptura, uma característica peculiar. Por outro lado, o padre italiano optou por enfatizar a permanência de tais lendas.

AS EXPLICAÇÕES PARA O FENÔMENO

Do mesmo modo que buscou na história relatos de vampiros do passado, Davanzati também explorou as possíveis explicações dadas em diferentes períodos históricos. Nos capítulos III e IV de sua dissertação, perguntou-se se as aparições de vampiro poderiam ser explicadas por sistemas filosóficos da antiguidade e da modernidade. Davanzati analisou três sistemas antigos e cinco modernos.

Como primeiro exemplo, escolheu o filósofo Pitágoras, que teria ido ao Egito aprender sobre a metempsicose, “ou seja, transmigração da alma humana nos outros corpos depois de sua morte [o sia, *trasmigrazione dell’anime umane negli altri corpi dopo la di loro morte*]” (DAVANZATI, 1774, p.29).

Através da metempsicose, explicou Davanzati, a alma de um morto poderia passar para um corpo muito parecido, o que daria a ilusão de que ele havia retornado (p.31). O corpo é importante para a explicação, pois se o morto aparecesse apenas em espírito, não seriam possíveis as interações táteis que apareciam nos relatos. Habitando outro corpo, o espírito do morto poderia se alimentar e deitar-se na cama com seus parentes, tal como apresentavam as narrativas.

Para Davanzati, contudo, a explicação por via da metempsicose, embora devesse ser considerada, não seria satisfatória. A grande dúvida seria o que aconteceria de dia com o outro corpo habitado pelo espírito do morto. O padre se questiona o porquê ele seria visto apenas à noite, algo que não teria explicação apenas pela via da metempsicose. Outro ponto importante é que, depois da destruição do cadáver, este corpo também parava de ser visto.

Outra possível explicação foi buscada em Laércio, que compartilhava de uma doutrina que separava o homem em dois, corpo e alma. Entretanto, diferente da divisão entre corpo material e alma imaterial – e imortal – o filósofo defendia a materialidade e a mortalidade da alma. A diferença entre corpo e alma estava na matéria formadora. Enquanto o primeiro consistiria em uma matéria sólida e densa, a alma seria composta por uma matéria fluída, ágil e leve. De acordo com essa doutrina, com a morte e a separação entre corpo e alma, o primeiro ficava enterrado, enquanto a segunda, devido à fluidez, permanecia incorrupta, andando ao redor de seu corpo e o guardando (1774, p.34).

Esta explicação, porém, também não era considerada verdadeira pelo autor. Dada a separação entre corpo e alma, o sistema falhava em explicar o motivo do fim das aparições após o cadáver ser decapitado. Outro ponto era que, sendo cristão, Davanzati era contra a materialidade da alma. a imortalidade da alma era “clara como o Sol [chiara come il Sole]” (p.37). Assim sendo, a doutrina apresentada somente poderia ser falsa.

Uma terceira possível explicação poderia ser encontrada na doutrina cirenaica, de Diógenes Laércio, a qual dividia o homem em

três partes: a alma, espiritual e imortal; o corpo, que desaparece após a morte; e uma última substância, também chama de segunda alma, de natureza média entre o corporal e o espiritual que existiria para unir corpo e alma (p.37). Esta segunda alma permaneceria, após a morte, próxima do corpo, a fim de protegê-lo e realiza este trabalho até sua total dissolução.

A doutrina da segunda alma, na visão do padre, não era contraditória em relação à doutrina católica. No caso das aparições de vampiros, portanto, seria esta segunda alma a protagonista, pois ela manteria alguns hábitos do corpo. Assim sendo, esta substância intermediária poderia se alimentar e tocar os vivos. Esta explicação também abarcaria o sumiço das aparições após a destruição do cadáver – pois, nesse caso, a segunda alma não teria mais um corpo para guardar.

O problema desta doutrina, na visão de Davanzati, é que lhe faltavam fundamentos de razão. A alma espiritual já supriria tudo o que a segunda supostamente deveria fazer, assim sendo, a segunda alma seria uma duplicata. Ora, isso iria contra a Lei da Parcimônia, citada por Davanzati, que diz que as entidades não deveriam ser multiplicadas sem necessidade.⁸ Aqui, o autor mesclou as duas frases do princípio de Occam para defender o caráter reduzido dos fenômenos naturais. No sentido de que não poderiam existir elementos em excesso, tal como a segunda alma, que apenas repetiria efeitos da alma espiritual, não possuindo, portanto, razão de existir.

Após explorar três sistemas antigos, o autor se deteve na análise de cinco possíveis explicações filosóficas modernas para o fenômeno

⁸ “non sunt multiplicanda entia sine necessitate”. (p.40).

do vampirismo. Primeiramente, Davanzati cita a possibilidade de existência de criaturas que não podem ser classificadas como corporais nem como espirituais. Como exemplo, citou os faunos, que habitariam os bosques (DAVANZATI, 1774, p.42). O autor ressalta que relatos sobre esse tipo de criatura haviam destacado sua habilidade de mudar de aparência.

Davanzati também citou o grande número de espécies de animais e mesmo de tipos de anjos, para mostrar que o corporal e o espiritual não eram conceitos fixos, mas sim que havia níveis de corporeidade e de espiritualidade. Assim sendo, os vampiros poderiam ter um lugar nessa escala, como “alguma substância média entre os espíritos puros e os homens [alcune sostanze medie fra i puri spiriti e gli uomini]” (1774, p.46). Para confrontar este sistema, o autor diferencia possibilidade de realidade. Os relatos sobre os faunos, por exemplo, haviam sido feitos por pessoas “ignorantes e de servil condição [ignoranti e di servile condizioni]” (1774, p.49), às quais não se poderia destinar um voto de confiança. A fim de desacreditar tais relatos, o autor cita a existência de babuínos e orangotangos, que poderiam ser confundidos com criaturas semi-humanas.

Outro ponto que, a partir dessa doutrina, ficaria explicado seria a similaridade entre a aparência do vampiro e do falecido. Ainda que se defendesse que tais criaturas poderiam modificar sua aparência, o padre questiona como seria possível explicar que elas desapareciam após a decapitação e incineração do cadáver que se cria morto-vivo. Para ele, não havia relação alguma que ligasse o defunto à suposta criatura – ou demônio – que seria o vampiro (1774, p.50-51).

A crença de que a alma rodeia o corpo até sua total putrefação também aparece em Plutarco. Porém, mesmo que assim fosse, Davanzati reforça que a alma não possui substâncias materiais, portanto, não poderia manter a aparência que o corpo possuía em vida (1774, p.52). A natureza da alma também foi questão essencial para Calmet. Uma das grandes questões do primeiro tomo do tratado do beneditino era se a alma seria puramente espiritual ou se estaria dotada de um corpo invisível, de substância parecida com o ar (CALMET, 1751a, p.469). Essa questão da corporeidade da alma é vital para as investigações de vampiros. O que havia consternado Calmet era o fato de que, mesmo com a aparição do morto, o túmulo permanecia imaculado. Logo, o cadáver não poderia ter deixado seu caixão e cavado seu caminho até a superfície.

O segundo sistema citado é o de Tommaso Campanella (1568-1639), teólogo dominicano que defendia, de acordo com o autor, que o ambiente aéreo seria pleno de diferentes espécies “ou espectros de nós mesmos [o spettri di noi stessi]” (DAVANZATI, 1774, p.52). Neste ambiente, os homens permaneceriam, mesmo após a morte. Davanzati trata essa hipótese como um delírio. O grande problema era explicar o motivo de apenas algumas pessoas verem esses espectros já que o ambiente aéreo seria comum a todos.

O terceiro filósofo moderno citado foi tratado apenas pelo nome Gio.⁹ Ele alegava que, após a morte, as almas conservariam os membros e a aparência do corpo físico, incluindo aqui ossos e carne. Tal pensamento é para o padre italiano uma loucura. Em primeiro lugar porque se a alma fosse assim, todos poderiam vê-la.

9 Davanzati não apresentou outras informações, apenas que ele é referenciado em uma obra do médico alemão L. C. F. Garmann (1640 – 1708).

Em segundo, atenta à fé cristã, pois se a alma se separa do corpo e mantém carne e ossos, não seria necessária a ressurreição no final dos tempos, além de que, a ressurreição de Cristo teria sido sem propósito. “Loucura, loucura, podre disparate [Pazzia, pazzia, sproposito marcio]” (1774, p.54), declarou o autor.

Paracelso foi o quarto citado entre os autores modernos. Este alquimista geralmente aparece em produções que investigam a realidade – ou falsidade – dos mortos-vivos. Para ele, a morte só era absoluta após a total decomposição do corpo, até esse momento, o cadáver permaneceria em uma espécie de vida vegetativa. Consequentemente, também defendeu “o poder de influência da imaginação mesmo após a morte do indivíduo” (BRAGA, 2018, p.172). Ou seja, os mortos ainda teriam um poder de influência sobre os vivos, mesmo que sem intenção.¹⁰

Por fim, como quinta e última opinião moderna, citou os filósofos Gerard Feltman, Giovan Marco de Marco e Fortunio Liceto, autores de trabalhos sobre cadáveres e a morte. Estes autores compartilhavam de uma opinião similar à de Paracelso. Para eles, restaria uma alma sensitiva no corpo, que se ocuparia das funções vegetativas, tais como o crescimento de cabelos e barba e mesmo alguns movimentos corporais (DAVANZATI, 1774, p.56). Isso seria mais evidente nos que haviam falecido de morte violenta, pois teriam uma “inclinação para a vingança [inclinazione alla vendetta]” (1774, p.56).

A questão das mortes violentas é muito presente em investigações sobre o vampirismo. Calmet, por exemplo, cita que

10 Paracelso é a principal referência teórica do filósofo Michaël Ranft em sua obra *De Masticatione Mortuorum in Tumulis* (1728).

com esse tipo de morte o sangue do cadáver entraria em estado de ebulição, permitindo uma maior mobilidade corporal, “doenças agudas, alguns venenos, alguns tipos de peste, afogamento” (BRAGA, 2018, p.237), são outros motivos que levavam à ebulição sanguínea. Dessa forma, estaria explicada a não rigidez dos cadáveres que eram considerados vampiros. Apesar de não ter citado a ebulição sanguínea, Davanzati se utilizou de um pensamento que faz referência à morte violenta como um fator que poderia levar alguém a se transformar em um morto-vivo.

O padre italiano contesta a opinião da vida vegetativa, pois ela dependia da existência de duas almas, o que seria “contra todas as razões, e particularmente aos sentimentos sacrossantos da Santa Madre Igreja [contro ad ogni ragione, e particolarmente ai sentimenti sacrosanti della S. Madre Chiesa]” (DAVANZATI, 1774, p.56). Outro ponto da argumentação do autor é que, se tal proposição fosse uma lei da Natureza, todas as vítimas de mortes violentas deveriam se mexer em seus túmulos. Como visto nos relatos transcritos por Davanzati, havia uma particularidade geográfica, a qual não deveria sobrepor-se a leis naturais.

UM FILÓSOFO MEZZO PIRRONISTA

Após expor as opiniões acima, Davanzati se dedicou à “opinião de um filósofo meio pirronista sobre a aparição dos vampiros [opinione d’un filosofo mezzo pirronista sopra l’apparizione de’vampiri]” (DAVANZATI, 1774, p.59), título do quinto capítulo. O autor não o nomeou, apenas o definiu como “em grande parte cético [in buona parte Scettico]” (1774, p.59). Creio que seja uma forma caricaturada de o padre referir-se a céticos radicais. O tal

filósofo defendia que a temática dos vampiros era uma inverdade, fruto de ilusões e credulidade, “efeitos de Baco¹¹ [effetti di Bacco]” (1774, p.59) que afetariam o cérebro. Desse modo, poder-se-iam explicar a visão de pessoas que haviam morrido, por exemplo.

Contudo, o ceticismo não seria uma resposta completamente adequada, pelo menos não sozinho. Davanzati afirmou que devido aos testemunhos serem de pessoas confiáveis, não seria possível tratá-los com absoluto desprezo. Opinião que é bastante parecida com a de Calmet. O monge beneditino, apesar de não acreditar nos vampiros, redigiu um tratado para tentar explicar os testemunhos, pois, de acordo com ele, não seria possível negá-los sem antes, a realização de um exame de circunstâncias. De fato,

testemunhas de crédito traziam um estatuto de verdade para os relatos. Essa verdade, contudo, não era tida como absoluta. Mesmo sendo reais, o que era narrado deveria ser posto à prova para se entender se tais criaturas realmente existiam ou se as narrativas eram fruto de erros, ou então de problemas relacionados à imaginação. (BRAGA, 2018, p.20)

As conjecturas do filósofo *mezzo pirronista* de Davanzati continuam. Os tais vampiros poderiam não estar verdadeiramente mortos, mas sim serem frutos de enterros prematuros, ou seja, pessoas que haviam sido erroneamente sepultadas, mas que não estariam mortas de verdade.¹² A confusão causada pelo retorno do suposto morto à sua própria casa poderia afetar um “povo um pouco crédulo [popolo un poco credulo]” (DAVANZATI, 1774, p.60).

11 Uma alusão ao álcool.

12 Apesar de já se ter o conhecimento sobre o estado catatônico na época, Davanzati não o cita como uma possibilidade.

A parte do cemitério também poderia ser explicada pelo efeito que o medo causaria no povo. Ao procurar o vampiro em sepulturas não muito bem identificadas, o exumado poderia ser qualquer cadáver. Enquanto isso, aquele que havia sido considerado vampiro fugia de medo da fúria popular (1774, p.60-61).

O mesmo filósofo pirronista considerava bárbara a maneira como eram tratados os cadáveres. Exumação, empalamento e incineração eram métodos abomináveis, frutos de superstições. Uma verdadeira ofensa às leis humanas e divinas (1774, p.60-61). O autor desafia o anônimo cético, se ele estivesse tão certo de sua opinião, a ir até as localidades de onde provinham os relatos e desenganar o povo. Nesse ponto Davanzati fez uma interessante crítica aos pirronistas, que teriam “glória de negar tudo, e de nada afirmar por verdade [gloria di negar tutto, e di nulla affermare per vero]” (1774, p.62).

Não era pelo motivo de parecer extravagante que o fenômeno do vampirismo poderia ser considerado inverídico. Era necessário confrontar os casos com a razão, a fim de chegar a uma conclusão (1774, p.63). O padre citou Copérnico como autor de uma teoria, a rotação da Terra em torno do Sol, que a princípio parecia extravagante e sem sentido. O astrônomo fora perseguido pela Inquisição. Contudo, com os modernos cálculo matemáticos e astronômicos, afirmou Davanzati, sabia-se que Copérnico estava certo. Razão e experiência, de acordo com o autor, haviam sido as responsáveis pelas comprovações das descobertas de Galileu, que a princípio também haviam sido tratadas como extravagantes.

Esta opinião do autor estava de acordo com os parâmetros estabelecidos pela chamada Revolução Científica do século XVII,

que buscou se distanciar das formas de produção vigentes nos séculos anteriores e estabelecer uma visão positiva acerca do futuro. O autor critica a Inquisição pela falta de investigação em suas condenações. Tal opinião foi bastante comum no século XVII. O médico holandês Johann Weyer (1515 – 1588), fez inúmeras críticas ao Santo Ofício, pois considerava que os inquisidores concediam um poder ao Diabo que ele não possuía. Em outras palavras, para Weyer, eles superestimavam as ações demoníacas. De um modo geral, a partir dos séculos XVII e XVIII, “o ponto principal das críticas à Inquisição era a forma como os processos ocorriam, em especial o uso da tortura” (BRAGA, 2018, p.85).

ENTRE O SOBRENATURAL E A NATUREZA

Uma questão importante para a modernidade foi acerca do estabelecimento dos limites entre o natural e o sobrenatural. Diversas foram as produções que buscaram compreender os segredos da natureza, ou como denominava Michaël Ranft, os seus poderes ocultos [*pouvoirs cachés*]. A dissertação de Gioseppe Davanzati não foge desse objetivo. Uma de suas intenções era a de analisar se o fenômeno dos vampiros seria natural, preternatural ou sobrenatural.

Em sua aceção, o sobrenatural se referia somente a Deus; o preternatural ao Demônio e o natural as causas “puramente físicas [puramente físcie]” (DAVANZATI, 1774, p.69). Para realizar tal análise, o autor consideraria as narrativas sobre os vampiros de modo literal, ou seja, tomaria o vampirismo como verdadeiro, a princípio, para, a partir dos relatos, buscar uma resposta para a questão. É bastante similar ao exame de circunstâncias de dom

Calmet, que também tomou os relatos como verdadeiros em um primeiro momento para, a partir deles, construir sua argumentação.

A proveniência divina do fenômeno estaria confirmada, para o autor, se os mortos retornassem em seus corpos originais. Dessa forma, estaria confirmado um milagre, uma ação de vitória sobre a morte, sobre a qual apenas Deus teria poder. Uma característica das lendas de vampiro, contudo, refutava essa possibilidade. Segundo o padre, ao mesmo tempo era possível ver a aparição do vampiro e “encontrar neste momento sepulto na tumba [trovare attualmente nella tomba sepolto]” (DAVANZATI, 1774, p.71) o cadáver. Além disso, a aparição sumia quando da destruição o cadáver. Para o autor, se Deus fosse o autor do vampirismo, nenhuma ação humana poderia impedir o fenômeno.

O Diabo poderia ser o responsável pelo fenômeno. De acordo com o autor, as aparições de mortos poderiam ser ilusões provocadas pelo Demônio. Sendo de natureza diabólica, não poderiam jamais ser ressurreições verdadeiras, pois somente Deus teria esse poder. A obra diabólica, contudo, poderia dar movimento externamente ao cadáver, o que daria a impressão de que ele estaria realmente ressurreto (DAVANZATI, 1774, p.79). Isso, contudo, não passavam de artimanhas demoníacas que objetivavam imitar um poder que o Diabo não possuía.

Outra possibilidade era a de que o suposto vampiro não estaria realmente morto, seu sepultamento, portanto, teria sido “por qualquer acidente de apoplexia ou coisa similar [per qualche accidente di apoplezia o cosa simile]” (1774, p.79), o que o daria a aparência de morto. Nesse caso também o demônio teria participação, pois ele teria o poder de encerrar o estado catatônico

do suposto falecido, o que, ressaltou o autor, era bastante diferente de realizar uma ressurreição. Da mesma forma ficaria injustificado o corpo que permanecia no túmulo.

A terceira opção que envolvia o poder diabólico era a possessão do cadáver em seu túmulo. Sem muito trabalhar a argumentação, Davanzati apenas declarou que “o demônio não tem poder de assumir os corpos dos mortos que estão em seus sepulcros [il demonio non ha potestà di assumere i corpi de’morti, che stanno ne’loro sepolcri]” (DAVANZATI, 1774, p.84). O Demônio poderia sim possuir corpos, inclusive de mortos, porém, de acordo com a Providência Divina, os corpos sepultados estariam protegidos destas incursões diabólicas.

Havia ainda uma quarta maneira de o vampirismo ser um fenômeno de proveniência demoníaca. De acordo com Davanzati, a aparição poderia ser um demônio em um corpo aéreo com aparência similar ao falecido. Esta explicação poderia facilmente ser aceita como verdade, pois dificilmente poderia ser contestada. Não havia problemas teológicos, como no caso da possessão de um cadáver sepulto. De acordo com o padre, a possibilidade de o demônio assumir um corpo aéreo seria sustentada pelo *Malleus Maleficarum* (1486) e pelo teólogo jesuíta Martín del Rio (1551 – 1608).

Davanzati declarou não querer se opor a essa corrente de pensamento, porém, no caso específico dos vampiros, não cria que esta fosse a explicação. O autor evoca a particularidade geográfica das aparições. Elas ocorriam “na pobre Morávia e Hungria superior [nella povera Moravia ed Ungheria superiore]”, mas não “na França, e na nossa Itália [nella Francia, e nella nostra Italia]” (DAVANZATI, 1774, p.90). Além disso, para o autor não fazia sentido o demônio

assumir apenas a aparência de camponeses e nunca de filósofos, cardeais e outras pessoas “de qualidade [di qualità]” (1774, p.91).

Esta última afirmação, contudo, poderia ter uma explicação. Segundo o autor, seria mais fácil para o demônio enganar “os idiotas e de baixa condição [gl’idioti e di bassa condizione]” (1774, p.91), do que os sábios e doutos. Pois aqueles, por influência do vinho, do sono ou do medo explicariam como diabólicos fenômenos que eram “puramente efeitos naturais [puramente effetti naturali]” (1774, p.92). Seria então, um engano, fruto da ignorância dos camponeses dos Bálcãs, que havia criado a lenda do vampiro.

Para Davanzati a Providência Divina não permitiria uma punição aos pecadores tal como o vampirismo. Muita gente morria de puro terror. Tal ato, não se encaixaria dentro dos planos divinos. O mais grave, para o autor, era a questão da profanação do túmulo, que ia contra todas as normas cristãs. Logo, não poderia ser uma punição permitida por Deus e executada pelo Diabo. O autor reforça sua opinião dizendo que em parte alguma da Bíblia há referência a esse tipo de punição (1774, p.93).

O modo de extermínio dos vampiros, para o autor, era uma prova de que o fenômeno não era divino nem demoníaco. Decapitar o cadáver, transpassá-lo com uma estaca e incinerá-lo eram atos físicos, naturais, sem nenhuma relação com o sobrenatural, ou o preternatural (1774, p.96). Se o vampirismo se encerrava com uma ação natural, ele não poderia provir de Deus ou do Diabo.

AS RAZÕES FÍSICAS DO VAMPIRISMO

Após uma grande discussão sobre os poderes do Demônio, Davanzati se propôs, no capítulo XII de sua dissertação, a analisar os

motivos físicos para a aparição dos vampiros. A grande atenção do autor ao poder do Diabo estava em alinhamento com pensadores católicos modernos:

Ao longo do século XVII percebemos mudanças em vários conceitos demonológicos. Uma das percepções mais afetadas foi aquela que se refere ao *poder do Diabo*. Este passou de um poder mais concreto em realizar fenômenos sobrenaturais, para um poder de influência, enclausurado na Natureza. O Diabo foi como que desautorizado de seu poder tão forte conforme relatos e escritos medievais e passou a ser visto como um excelente físico, um grande conhecedor das potencialidades naturais e que por isso poderia realizar prodígios que nada tinham de sobrenatural. (BRAGA, 2018, p.23)

A Natureza, portanto, era o âmbito no qual restavam questões ainda desconhecidas, ocultas. Explicar os vampiros, do modo como eram retratados nos relatos, pela física não era possível. Nada permitiria a ressurreição de corpos mortos, sua sede de sangue e o fim das aparições quando da destruição do cadáver. Como não encontrou uma explicação física que pudesse dar conta do fenômeno, optou por publicar sua própria opinião sobre o assunto,

a qual consistirá em alegar uma causa simplesmente fácil, e natural, com a qual espero salvar, e reconciliar todas as aparências, circunstâncias e acidentes, que são narrados desses Vampiros pelos autores que descrevem a história desses até o dia presente. [la quale consisterà in allegare una cagione semplicemente facile, e naturale, colla quale spero di salvare, e di riconciliare tutte l'apparenze, circostanze, ed accidenti, che si narrano di questi Vampiri dagli autori, che ne descrivono la storia di essi fino al giorno presente]. (DAVANZATI, 1774, p.158)

O capítulo em que Davanzati apresentou sua teoria se intitula *Da força da Imaginação [Della forza della Fantasia]*.¹³ Nele, o autor afirmou que “a solução deste grande fenômeno, não se encontra fora de nós, mas em nós mesmos [la soluzione di questo gran fenomeno, non si trova fuora di noi, ma in noi medesimi]” (DAVANZATI, 1774, p.159). A imaginação, para o padre, era responsável por todos os fantasmas, todas as aparições fantásticas, todos os mortos retornados. A imaginação era a única razão, “fora desta não há outra causa, dentro dela há tudo [fuori di essa non vi è altra causa, dentro di essa ci è tutto]” (1774, p.159).

A fim de definir o que era a imaginação, o autor recorreu a Aristóteles para destacar o seu caráter físico. Afirmou que a imaginação depende de uma membrana, que nos jovens é mais tenaz e conservaria melhor as imagens recebidas na memória, porém, nos mais velhos, essa membrana estaria já ressecada, o que prejudicaria a memória e a organização das imagens recebidas (1774, p.160). Davanzati cita René Descartes para sustentar sua teoria. De acordo com o filósofo francês, essa membrana se assemelharia a um “leque feminino [ventaglio di donna]” (1774, p.161), cujas partes dobravam e se amontoavam. Tal movimento produzia grandes efeitos:

acontece, que quando se vai dormir, depois de ter carregado com muito alimento o estômago, e este transmitindo à cabeça os gases, ou seja, vapores exalados pelo alimento, e estes no mesmo tempo com seu movimento de abertura, e dissolvendo as dobras dessa membrana, feita tal como em uma folha de leque, vêm-se algumas a abrir, e outras a

13 A opção pela tradução do termo *Fantasia* por *Imaginação* se justifica pela própria explicação de Davanzati, que afirmou que fantasia e imaginação eram a mesma coisa.

permanecer fechadas, nas quais serão impressas imagens heterogêneas e diversas, as quais combinadas dessa forma, lhe foram apresentadas pelo sensorial comum à alma, vem a formar uma visão estranhíssima de objetos frequentemente monstruosos e quiméricos.

[ccade, che quando si va a dormire, dopo di aver caricato con molti cibi lo stomaco, e questo trasmettendo verso il capo i fumi, o siano vapori esalati dal cibo, e questi nello stesso tempo col loro moto aprendo, e sciogliendo le piegature di essa membrana, fatta come si è detto a foglia di ventaglio, si vengono alcune ad aprire, ed altre a restar chiuse, nelle quali vi saranno impresse specie etorogenee (sic), e diverse, le quali così combinate, presentatesi pel sensorio comune all'anima, viene a formarsi una veduta stranissima di oggetti spesse volte mostruosi, e chimerici (...)]. (DAVANZATI, 1774, p.161)

Se os vapores fossem produzidos por alimentos crus, ásperos e melancólicos, na classificação do autor, o agrupamento de folhas da membrana produziria imagens sombrias e melancólicas, sonhos terríveis.

A imaginação também era capaz de, a partir de fortes sentimentos, produzir uma espécie de comunicação à distância através do ar. Em outras palavras, os fortes sentimentos de alguém eram capazes de afetar a imaginação de outras pessoas (1774, p.164-165). Davanzati trata a imaginação como potência. Em suas operações a algo de maravilhoso, “quase mágico [quasi del magico]” (1774, p.168). A imaginação poderia inclusive influenciar na matéria, não só no próprio corpo da pessoa, como poderia ter efeitos em corpos de terceiros.

Se a imaginação de uma mulher grávida poderia, de acordo com o autor, afetar o feto,¹⁴ o que não fariam as imaginações dos frenéticos e melancólicos? Mesmo que de forma não intencional, os fortes sentimentos de um para um grupo de pessoas ao seu redor poderiam ser transmitidos pelo ar através da imaginação. O momento do repouso noturno foi citado pelo autor como o reino da imaginação, à causa da formação dos sonhos. (1774, p.169-171).

O argumento principal de Davanzati é de que as aparições de mortos e fantasmas seriam todas frutos da imaginação. Em especial das imaginações corrompidas.¹⁵ Um termo muito similar ao que dom Calmet utilizou em seu tratado. O beneditino francês também defendeu uma tese parecida, de que os vampiros seriam frutos de imaginações feridas [*imaginationes frapées*]. Um problema de imaginação, fazia com que a pessoa perdesse o controle sobre ela. Uma vez que Davanzati, e também Calmet, acreditavam que a imaginação poderia afetar a matéria, a falta de controle sobre a imaginação poderia criar lendas tais como a do vampiro e levar às pessoas de uma vila a acreditarem nos ataques a tal ponto que realmente poderiam adoecer e morrer.

A imaginação corrompida era a causa de males como o escorbuto, a hipocondria e mesmo uma espécie de tristeza que poderia levar pessoas a “matarem-se com as próprias mãos [*uccidersi colle proprie mani*]” (DAVANZATI, 1774, p.178). Esse problema de imaginação causaria a produção sem controle de imagens, podendo chegar ao ponto em que a pessoa não mais diferenciaria o imaginário do real, além de potencialmente afetar a imaginação de outros ao seu redor.

14 O autor cita como exemplo que, se uma grávida deseja comer morangos, mas não os consegue imediatamente, o bebê poderia nascer com pintas, tal como a fruta.

15 No original *fantasia corrotta*.

“A verdadeira e única causa dos Vampiros, é a nossa Imaginação corrompida e depravada [la vera ed niuca cagione de’ Vampiri, è la nostra Fantasia corrotta e depravata]” (1774, p.179). Os sonhos certamente poderiam parecer reais, porém, potencialmente falando, a imaginação também poderia agir fortemente durante os momentos despertos. Em uma imaginação corrompida, pouco faria diferença o dormir e o despertar. As imagens poderiam se formar sem controle, tanto em termos de produção quanto em termos de distinção do real e do ilusório.

Não havia nada na lenda dos vampiros além de imaginação e má-interpretação de efeitos naturais. A coloração vermelha dos cadáveres exumados, considerada sinal de vampirismo, era, para Davanzati, apenas uma “ilusione del lume [ilusão da luz]” (1774, p.202), ou então um efeito natural da decomposição do corpo. Quanto aos olhos abertos, o padre afirmou esta ser uma característica comum em cadáveres. Mesmo após a morte, o sangue poderia continuar fluído em alguns cadáveres, em especial naqueles que haviam sofrido morte violenta. Tal fluidez poderia levar a uma hemorragia de 3 ou 4 dias de duração, porém, Davanzati destacou um experimento que comprovou que a hemorragia do cadáver poderia durar até oito dias (1774, p.210).

Por fim, destaco a passagem em que fala da incorruptibilidade cadavérica, que era considerada tanto como um sinal de vampirismo nos Bálcãs, como um tradicional sinal de santidade para a Igreja Católica. Para Davanzati, contudo, a preservação do cadáver poderia ocorrer “sem ser sinal de santidade, ou de coisa miraculosa [senza esser segno di santità, o di cosa miracolosa]” (DAVANZATI, 1774, p.222). Tal condição possuía relações com o

clima e o solo. O padre não descartou a incorruptibilidade dos corpos dos santos, porém, os santos seriam apenas aqueles institucionalmente estabelecidos.

Assim, os relatos de vampiros, apesar de apresentarem feitos fantásticos, não reportavam nada de diabólico, muito menos de divino. Não havia nada de sobrenatural no vampirismo. Os mortos-vivos sugadores de sangue que ganharam representações literárias já no começo do século XVIII não passavam de, na opinião de Davanzati, frutos de mentes corrompidas de camponeses balcânicos cuja alimentação era baseada em alimentos crus e melancólicos. Além disso, para somar aos efeitos da imaginação, a má-interpretação de efeitos cadavéricos naturais teria contribuído para o estabelecimento da figura do vampiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal de Davanzati foi o “de desenganar (...) aquela pobre gente, que se encontra submetida a este flagelo imaginário [di dissingannare (...) quella povera gente, che si trova a questo flagello immaginario sotoposta]” (1774, p.229-230). Para ele, o problema principal era a imaginação corrompida, responsável por visões fantásticas e exageros do real. Uma imaginação corrompida cujos efeitos eram elevados devida à alimentação dos camponeses balcânicos.

O principal problema relatado por Davanzati, em resumo, era a imaginação sem controle. É possível perceber

ao longo principalmente do século XVII, mas já em produções do final do século XVI, o exercício de um controle sobre a imaginação que redirecionou

os esforços investigativos para a Natureza, considerada como o lugar do indefinido e, por isso, merecedora das conjecturas dos filósofos. (BRAGA, 2018, p.20)

Davanzati fez parte do grupo de pensadores que, tal como Ranft e Calmet, desejavam explicar os fenômenos aparentemente sobrenaturais por meio da natureza. O alemão, dentre esses três, foi o mais radical. Davanzati e Calmet, devido às relações com a Igreja, ainda buscaram explicar e diferenciar o divino do demoníaco, porém o natural sempre era considerado a explicação mais correta.

O grande problema de uma imaginação corrompida, descontrolada, era a série de efeitos que isso poderia ter sobre a matéria, em especial o corpo. A crença no vampirismo realmente poderia levar uma pessoa à morte. O mais fantástico nas teorias modernas sobre os poderes da imaginação é que ela poderia causar malefícios a terceiros. O poder de influência de uma imaginação corrompida poderia ter tal a ponto de gerar pânico em uma vila inteira.

As teorias sobre as potencialidades da imaginação influenciaram na naturalização das investigações filosófico-naturais. Deus e o Diabo foram como que colocados em segundo plano e a natureza se tornou o âmbito preferido dos filósofos. Diversas eram as forças que ainda poderiam ser descobertas. A imaginação se firmou como uma das mais misteriosas.

É bastante interessante que até mesmo os clérigos negavam influências sobrenaturais e diabólicas no fenômeno do vampirismo. A associação do combate aos vampiros com os símbolos cristãos parece ser uma invenção do XIX. O mesmo se aplica à sexualização

do vampiro, que aparece já nos primeiros poemas sobre o tema. *Der Vampir* (1748), do alemão Heinrich August Ossenfelder, já coloca um vampiro seduzindo uma jovem cristã. A faceta sedutora e conquistadora dos sugadores de sangue foi mais uma das criações literárias que modificaram a lenda dos vampiros para como a conhecemos atualmente.

A *Dissertazione* de Gioseppe Davanzati circulou por muito tempo em formato manuscrito e ajudou a disseminar a imagem do vampiro, inclusive o termo, que não era ainda comum. Nos periódicos e mesmo a dissertação do alemão Michaël Ranft os termos utilizados variavam entre mortos-mastigadores, *Stryges* e *Upierz/Upyerz*. O padre italiano foi autor de um dos primeiros trabalhos, talvez o primeiro, a utilizar o termo vampiro na Europa ocidental.

Apesar de desejar combater a crença em tais criaturas, Davanzati acabou contribuindo para o estabelecimento de características vampírescas que são frequentes até hoje no cinema e na literatura. As visitas noturnas, a estaca, o fogo e o sangue são elementos que desde o século XVIII caracterizam o modo de agir dos vampiros e a maneira de combatê-los.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P (2014 [1977]). *O Homem Diante da Morte*. Luíza Ribeiro (Trad.). São Paulo: Unesp.
- ARGEL, M. & MOURA NETO, H (2008). *O vampiro antes de Drácula*. São Paulo: Aleph.
- ARTICLE Fort Extraordinaire (1693). *Le Mercure Galant*, Paris, p.62-71, mai.
- BARBER, P (2010). *Vampires, Burial & Death: Folklore and Reality*. New Heaven and London: Yale University Press.

BRAGA, Gabriel (2015). *Considerações Sobre a Figura do Vampiro e o Sobrenatural no Século XVIII a Partir da Obra de Dom Calmet (1672 – 1757)*. 104f. (Monografia - Graduação em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

_____ (2018). *O Natural e o Sobrenatural na Modernidade: a polêmica erudita sobre os mortos-vivos (1659-1751)*. 272f. (Dissertação - Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

BUSTAMANTE, Regina (2011). “Festa das Lemuria: os mortos e a religiosidade na Roma Antiga”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, p.1-18.

CALMET, Dom Augustin (1751a). *Traité sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenans de Hongrie, Moravie, etc.* Tome I. Paris: Debure l’aîné.

_____ (1751b). *Traité sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenans de Hongrie, Moravie, etc.* Tome II. Paris: Debure l’aîné.

CEGLIA, F. P.de (2011). “The Archbishop’s Vampires: Giuseppe Davanzati’s Dissertation and the Reaction of “Scientific” Italian Catholicism to the ‘Moravian Events’”. *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*. 61(166-167), 487-510, jun./dez..

DAVANZATI, Gioseppe (1774). *Dissertazione Sopra i Vampiri*. Napoli: Presso i Fratelli Raimondi.

DELUMEAU, J (1989 [1978]). *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Maria Lucia Machado (Trad.). São Paulo: Companhia de Bolso.